



PSICODIAGNÓSTICO CLÍNICO COM ADOLESCENTES: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES

Frank de Souza Oliveira¹; Izabel Cristina de Moraes²; Rute Grossi Milani³

RESUMO: A presente pesquisa visa caracterizar o processo de psicodiagnóstico com adolescentes dentro do paradigma psicanalítico. Para tanto foi realizado um levantamento de registros em bancos de dados eletrônicos e bibliotecas que apontam o desenvolvimento e evolução das teorias e técnicas psicanalíticas quanto à realização do psicodiagnóstico com adolescentes, bem como o manejo prático na clínica com adolescentes. O estudo se deu por meio de uma revisão bibliográfica sobre as origens, os desdobramentos e as práticas contemporâneas na realização do psicodiagnóstico com adolescentes. Os resultados consistiram na clarificação e agrupamento de técnicas, testes, jogos e estratégias utilizadas pelos psicólogos clínicos no processo de avaliação psicológica com adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Avaliação psicológica; Psicologia clínica; Psicoterapia

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da adolescência tem sido, nas últimas décadas, foco de pesquisas e estudos de diversas áreas do conhecimento. Todavia, ressalta-se a necessidade de um amadurecimento na compreensão e abordagem de tal período do desenvolvimento humano. Como destaca Osório (1989), a adolescência tem uma conceituação recente, o que se deve às mudanças ocidentais quanto à melhoria do modo de vida e à influência da modernidade com o advento da ciência que privilegiou a objetividade, deslocando o sujeito de suas representações subjetivas, dando então ao adolescente um lugar social definido objetivamente.

Se por um lado é recente a nomenclatura *adolescente/adolescência*, é também hodierna a psicoterapia com adolescentes. Além de recente, a psicoterapia com adolescentes, no contexto nacional apresenta reduzido volume de publicações científicas (CASTRO; STÜRMER et al., 2009).

¹Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – Paraná. Bolsista do Programa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). prfranck@yahoo.com.br

²Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – Paraná. izabelcristinamorais@hotmail.com

³Orientadora e docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – Paraná. rutegrossi@uol.com

A adolescência tem um caráter absímile, pois não encontra semelhança com nenhuma outra fase ou período do desenvolvimento da vida (GRAÑA, 1994), revelando nuances, e linguagens subjacentes que apontam necessidades e manifestam um quadro complexo de indecisão subjetiva.

Ainda, o adolescente possui muitas dúvidas resultantes da posição que ocupa, pois já não é mais criança, nem tampouco, adulto (AGUIAR; EIZIRIK; SCHESTATSKY, 2005).

Graña (1994) afirma que a adolescência produz intensos períodos de angústia, fazendo com que o adolescente lance-se de um estado de ansiedade e carência a um estado de quietude e satisfação com assustadora velocidade, e uma inquietante e difícil adaptação, porém, com solidez formativa de uma identidade em constituição.

Aguiar, Eizirik, Schestatsky (2005) relatam que a adolescência é um momento crucial que se expressa de forma singular e complexa. Descrevem ainda que a definição e a compreensão sobre a adolescência vêm se expandindo ao longo da história.

Desta forma, a adolescência é compreendida à luz de vários prismas, que não são contraditórios, mas complementares, e que subsidiam a compreensão holística dessa fase e de todas as suas consequências na experiência de vida.

O adolescente vivencia uma nova etapa quanto à sua energia libidinal vista na mudança corporal (AGUIAR; EIZIRIK; SCHESTATSKY, 2005), tendo novas expressões de sua sexualidade, pois, como afirma Rodrigues (2006), a sexualidade faz parte da personalidade de cada um, e é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros âmbitos da vida.

Assim, Outeiral (2003) destaca alguns aspectos acerca da sexualidade na adolescência que são dignos de nota. Primeiro, a sexualidade na adolescência é um dos assuntos mais importantes e mais difíceis de ser abordado, tanto pelo próprio adolescente quanto por todos que o rodeiam. É um período no qual o adolescente recebe excessiva estimulação através da mídia. Segundo, a identidade sexual começa a se organizar desde o nascimento, adquirindo sua estrutura e seu perfil definitivo na adolescência. Nessa fase ocorre a passagem da bissexualidade infantil, para a heterossexualidade adulta. Terceiro, a identidade organiza-se a partir de identificações com os pais, desde a infância, através do *Complexo de Édipo* em seus aspectos mais positivos que consiste no fato do menino, em rivalidade com o pai, se apaixonar pela mãe. E negativos que consiste no enamoramento do menino pelo próprio pai.

Essas e outras questões que os adolescentes vivenciam são abordadas e compreendidas na sua psicodinâmica dentro do processo de psicodiagnóstico que consiste numa metodologia científica, que levanta hipóteses, cria interrogações, faz perguntas, põe sob análise o diagnóstico previamente encaminhado, e se propõe a buscar a confirmação ou não dessas hipóteses (CUNHA, 2003).

O psicodiagnóstico é imprescindível para se realizar um diagnóstico diferencial, determinando a relação entre os sintomas que levaram o indivíduo a procurar ajuda, e as causas psicodinâmicas do psiquismo do sujeito. O psicodiagnóstico é muito mais que um teste, ele é um conjunto de ações que auxiliam o psicólogo clínico na elaboração do diagnóstico e prognóstico do caso, tendo o endosso científico (CUNHA, 2003).

No entanto, é mister configurar uma área específica de trabalho de psicoterapia psicanalítica com adolescentes, ou no mínimo, agregar de forma concisa, porém não

resumida, um número significativo de teorias e técnicas que fomentem o pensamento e reflexão, a pesquisa e produção científicas (CASTRO; STÜRMER et al., 2009).

Construir este campo específico de atuação, a saber, a psicoterapia psicanalítica com adolescentes é cogente por algumas razões. Inicialmente porque o conhecimento está em constante devir, em contínua transformação, sempre afirmando, negando e reafirmando, sempre construindo, desconstruindo e reconstruindo-se. Outra razão é porque o homem também está em processo contínuo de mutação e desenvolvimento, não permanecendo mais o mesmo em seu modo de pensar, sentir e agir. Por fim, é que a prática clínica está imbuída e circunscrita por este contexto de alterações e modificações históricas (CASTRO; STÜRMER et al., 2009).

Considerando a problemática experimentada pelos adolescentes e a especificidade desse período, bem como as mudanças necessárias no fazer e pensar a psicoterapia clínica com adolescentes, questiona-se: de que forma é viável a abordagem com essa população? Qual a melhor estratégia de acesso aos conteúdos psíquicos reprimidos e recalcados por aqueles que vivem essa conturbadora experiência? Como entender as características psicodinâmicas da adolescência no século XXI? Quais as melhores técnicas de manejo com os adolescentes?

Portanto, faz-se necessário o alceamento histórico de um processo de avaliação psicológica, chamada de psicodiagnóstico, para proporcionar um diagnóstico diferencial e conduzir um encaminhamento mais preciso. Além de contribuir para a expansão do conhecimento sobre as estratégias diagnósticas na adolescência, realizar com a comunidade científica trocas que construam ajustes e disseminem métodos, processos ou operações que consistem em reunir elementos diferentes, concretos ou abstratos, e fundi-los num todo coerente para caracterizar o processo de psicodiagnóstico com adolescentes segundo o referencial psicanalítico.

2 MATERIAL E MÉTODO

Foi empregada para concretização desta pesquisa uma revisão bibliográfica sobre as contribuições do psicodiagnóstico com adolescentes, que foi auferida por meio de uma investigação na literatura nacional que se reportou a esse tema, incluindo as consultas aos bancos de dados eletrônicos que continham artigos científicos, teses e dissertações, bem como efetuou-se busca de livros em bibliotecas de universidades regionais e nacionais.

Considerando os pontos destacados, esta revisão objetivou identificar na literatura indexada artigos empíricos e conceituais que abordavam o psicodiagnóstico aplicado em adolescentes, e analisou as técnicas, testes e jogos atuais utilizados no processo de avaliação psicológica dentro da clínica com adolescentes.

Procedeu-se à seleção dos artigos junto às bases de dados: PsycINFO, Medline, LILACS e Scielo, definindo-se como período de consulta os últimos anos e utilizando-se como descritores: adolescência, e avaliação psicológica, psicodiagnóstico psicodinâmico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Definir a adolescência nunca foi uma faina simples. As variadas teorias que giram ao redor deste tema no afã de delimitá-lo conceitualmente encontram diversas barreiras metodológicas quanto aos aspectos normativos do desenvolvimento psíquico e social do adolescente no tocante aos padrões diagnósticos (CAMPOS, 1998).

A variedade de teorias mostra como tem sido difícil delimitar um trabalho clínico, principalmente em relação à adolescência que em nenhum período histórico mostrou consenso de definição. Logo a pergunta que se deve fazer é qual a melhor maneira de realizar um trabalho clínico com adolescentes?

Kuznetzoff (1993) sugere que a aproximação inicial que o analista deve fazer do adolescente tem que ser informal. Além disso, o analista deve entrar no jogo criado pelo adolescente para jogar, e isto deve ficar evidente por meio de uma atitude interessada, e que a atenção deve girar em torno de uma disposição perceptiva que foca em uma atitude lúdica. Ainda cita outras sugestões como imaginar os tipos de mudanças que sejam possíveis para o adolescente, criar um clima de confiança, desempenhar sempre um papel ativo, demonstrar respeito pelo adolescente, aceitar o adolescente, compreender o adolescente, e, por fim, tentar conseguir empatia. Portanto, o psicoterapeuta deve se mostrar flexível, sempre compreensivo e inexoravelmente atento.

Graña (1994) destaca os paradoxos da psicoterapia com adolescentes, mas acredita no êxito da psicoterapia quando o analista respeita alguns limites e estabelece alguns critérios de atuação. Grana (1994) aborda resumidamente que a psicoterapia com adolescentes nas entrevistas iniciais tem três objetivos básicos, a saber, realizar o diagnóstico psicológico do adolescente, realizar o diagnóstico psicológico da família do adolescente e concluir a avaliação do caso.

Castro e Stürmer (2009) entendem que a atuação clínica com adolescentes é muito difícil. Levisky (2009) aponta a escassez de produção científica, resultante da experiência clínica com adolescentes. Isto por si só já se constitui um grande empecilho na atuação clínica com adolescentes, pois sempre se está reinventando a roda no tocante à psicoterapia com adolescentes.

Um trabalho clínico diferencial com adolescentes requer um habilidoso manejo e profícuo conhecimento sobre o psicodiagnóstico.

O psicodiagnóstico, enquanto instrumento do psicólogo, é um processo científico, pautado em correntes teóricas que indicam o caminho do tratamento. Não obstante a isso, é uma tarefa específica da área clínica, o que não impede outras áreas de também executarem o psicodiagnóstico, tendo em vista que ele é uma avaliação psicológica, como aponta Cunha (2003).

Todavia, o psicodiagnóstico quando aplicado à adolescência encontra algumas dificuldades. Primeiro porque é escassa a produção científica no contexto nacional. Em seguida porque há muitas mudanças quanto às queixas trazidas ao consultório. As queixas que atualmente gravitam no *setting* terapêutico estão relacionadas com questões emergentes dentro da psicologia. (CASTRO; STÜRMER et al., 2009). Mas uma dificuldade nevrálgica é a inabilidade e desconhecimento teórico visto na prática clínica por parte do terapeuta (LEVISKY, 2009)

4 CONCLUSÃO

Embora os apontamentos aqui não encerrem a discussão, é perceptível o alvorecer de um novo tempo. Devido à grande busca da psicoterapia para adolescentes e o respectivo aumento da demanda, o trabalho psicoterápico psicodinâmico na adolescência tem ganhado contornos exponenciais.

É notória a ênfase dada a este trabalho pela proliferação de material, embora esteja ainda em fase germinal, mas promissora.

É premente que se diga que o adolescente se encontra em um período de transformações intensas, exigindo assim do terapeuta uma mente que funcione ao mesmo tempo como continência e referência, uma postura de flexibilidade para que consiga elaborar todos os conteúdos que estão presentes na relação transferencial.

É importante focar sempre nas formas de comunicação usadas pelo adolescente dentro do *setting*. Estas formas assumem variadas expressões tais como a comunicação não-verbal. Daí a importância do terapeuta utilizar-se de jogos, desenhos, usar objetos do mundo cotidiano e rotineiro do adolescente. É relevante observar os desenhos e respeitar todas as personificações apresentadas na relação transferencial, bem como gestos, postura, expressão corporal por meio das vestimentas, desenhos feitos no corpo, cortes de cabelo.

É requerido ainda do terapeuta uma perseverante paciência e significativa capacidade para lidar com todas as resistências características do adolescente. Paciência para aguardar o tempo do próprio adolescente. E tempo é outro aspecto que o terapeuta deve ser flexível, e tempo em todos os sentidos. Além do mais, o terapeuta deve investir na construção de um forte vínculo tanto com o adolescente e com sua família.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 10ª ed. Porto Alegre: ArtesMédicas, 1992.

ARAUJO, Greicy Boness de; SPERB, Tania Mara. Crianças e a construção de limites: narrativas de mães e professora. **Psicologia em estudo**. Maringá, v.14, n.1 jan./mar. 2009.

BARBIERI, V. Psicodiagnóstico tradicional e interventivo: confronto de paradigmas? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, vol. 26 n.3 jul./set. 2010.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia**. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CASTRO, M^a G. K.; STURMER, Anie. **Crianças e adolescentes em psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CUNHA, Jurema Alcides. **Psicodiagnóstico - V**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GARCIA ARZENO, Maria Esther. **Psicodiagnóstico clínico: novas contribuições**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GRANA, Roberto B. (org). **Técnica psicoterápica na adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. **Psicoterapia breve na adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LEVISKY, D. L. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MARCELLI, Daniel; BRACONNIER, Alain; MURAD, Fátima. **Adolescência e psicopatologia**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OCAMPO, Maria Luisa Siqueira de; GARCIA ARZENO, Maria Esther; GRASSANO DE PICCOLO, Elza; RIVERA, Luis Lorenzo. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OUTEIRAL, José. . **Adolescer: estudos revisados sobre adolescência**. 2. ed. rev., atual. e ampl. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.